

INGRATIDÃO II

Um pobre moço, triste e cansado,
Órfão de mãe, de escassa proteção.
Ele exclama ser um pobre desprezado.
Senhor, diz ele, eu quero a sua mão.

O moço bate à porta do senhor.
Interpelando, ouviste minha voz?
Senhor responde, suave com amor,
Sou teu amigo, jamais o teu algoz.

Naquela casa, o moço foi morar.
Era tratado com amor e ternura.
Então, passou a vida a dedicar
À profissão, que outrora ele sonhara.

Com isso, os dias foram se passando.
O moço fraco mais forte foi ficando.
O senhor forte, mais fraco foi ficando.
Quem dá o que tem mais fraco foi tornando.

Passado tempo, o moço despediu,
Assim, dizendo que ia mais voltava.
Habilitado de lá ele saiu.
A sua volta, o velho esperava.

Passaram os anos e o moço não voltou.
A sua roupa não quis, ele, buscar.
De pobre a rico sua vida transformou.
Do pobre velho, não quis mais se lembrar.

Um dia, o velho, do moço precisou.
Uma pousada ao moço suplicou.
Responde o moço, sozinho eu estou.
Fazer faxina, ao velho ordenou.

Decepção, o velho, lá, passou.
De maltrapilho, o velho lhe tratou.
E com tristeza, o velho, de lá, saiu.
Quem faz o mal espera a maldição.

Fazer o bem é a lei do Senhor.
O pagamento é cheque ao portador.
Sofrer na cruz igual a Cristo Senhor.
Depois das trevas, vira o esplendor.

Galdino da Silva

Bairro Mil Alqueires, Lucélia, 13 de agosto de 1968.